

QUANTO DURA O PROGRAMA? NOTAS SOBRE PROSTITUIÇÃO E ENVELHECIMENTO DE MULHERES E TRAVESTIS

HOW LONG WILL THE “PROGRAMA” LAST? NOTES ON
PROSTITUTION AND AGING OF WOMEN
AND TRANSVESTITES

DOMILA DO PRADO PAZZINI¹

DOUTORANDA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

LUIZ HENRIQUE MIGUEL²

DOUTORANDO EM SOCIOLOGIA

Resumo: Pensando no envelhecimento como um processo que modifica os corpos e ressignifica relações e imaginários, o presente artigo visa apresentar uma discussão sobre os desdobramentos deste processo de envelhecimento em travestis e mulheres que se prostituem no interior de São Paulo. Por meio de pesquisa etnográfica, busca-se entender quais são as percepções e relações estabelecidas entre as entrevistadas e os espaços que circulam, relações que estabelecem e, conseqüentemente, as valorizações que empreendem nestas relações.

Palavras-chave: prostituição, envelhecimento, gênero, travestilidade, corpo

Abstract: This article aims to present a discussion about the aging process in transvestites and women prostitutes in the state of Sao Paulo, whereas that aging is a process that modifies the bodies and resignifies relations and imaginaries. Through ethnographic research, we try to understand what perceptions and relationships are established between the interviewees and the spaces they circulate, the relations they establish and, consequently, the valuations they undertake in these relations.

Keywords: prostitution, aging, gender, transvestism, body

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, Brasil), mestre em sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar, Brasil) e graduada em ciências sociais pela UFSCar. É pesquisadora do NaMargem - Núcleo de Pesquisas Urbanas, sediado no Departamento de Sociologia da UFSCar. E-mail: domilapazzini@gmail.com

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar, Brasil), mestre em sociologia pelo mesmo programa e graduado em ciências sociais pela UFSCar. E-mail: luizhemi@gmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este texto tem como propósito apresentar o modo como **mulheres cis** e travestis, no contexto de prostituição, percebem o envelhecimento. A partir de trabalhos de campo, percebemos que o envelhecimento não aparece simplesmente como um fator biológico, mas como uma questão cultural. Com isso, o foco deste texto é pensar exatamente o que o processo de envelhecimento representa para as mulheres e travestis que se prostituem, como ele se configura, e quais são seus desdobramentos. Estas questões devem nortear este trabalho e seu desenvolvimento. Para isso trouxemos alguns dados coletados em trabalhos de campo individuais realizados com mulheres e travestis em duas cidades distintas no interior de São Paulo.

Partimos da ideia de que as semelhanças entre mulheres e travestis que se prostituem estão associadas à experiência do feminino no processo do envelhecimento. No entanto, pensar em experiências é também ponderar semelhanças e diferenças (SCOTT, 1998). Por isso, concluiremos o texto com uma análise partindo da visão dos sujeitos de como a concepção de envelhecimento pode ser interpretada e vivenciada de formas distintas, como noções de experiência e performance dialogam e tensionam a ideia de envelhecimento nesses corpos femininos.

Este artigo foi dividido em como as questões de envelhecimento apareceram nos dois campos; logo após, mostramos breves apresentações bibliográficas sobre prostituição e envelhecimento, e, para finalizar, fecharemos com uma análise partindo da visão dos sujeitos de como a concepção de envelhecimento pode ser interpretada e vivenciada de formas distintas, como noções de experiência e performance dialogam e tensionam a ideia de envelhecimento.

Este texto tem como base dois trabalhos etnográficos com sujeitos e espaços distintos. O primeiro a ser apresentado é um trabalho de campo, com entrevistas, realizado com mulheres que fazem programas em duas casas de prostituição na cidade de Girassol³. O segundo, também é um trabalho de campo com entrevistas, realizado em uma casa de travestis localizada na cidade de Califórnia⁴. Em ambos os casos, os materiais gerados foram diários de campo e transcrições de entrevistas. A partir deles, realizamos nossas análises e trazemos neste artigo os desdobramentos de nossas percepções sobre o envelhecimento e prostituição.

PROSTITUIÇÃO DE MULHERES

O trabalho de campo com as **mulheres cis** que se prostituem foi realizado nas casas de prostituição de uma região periférica de Girassol conhecida como *zona*⁵. Nesse contexto, o termo *menina* foi muito utilizado pelo dono, pelo cozinheiro e entre as próprias mulheres para

³ Girassol é um nome fictício da cidade do interior de São Paulo. Essa cidade tem por volta de 200 mil habitantes.

⁴ Califórnia é o nome fictício dado para uma cidade do interior de São Paulo com aproximadamente 800 mil habitantes.

⁵ Termo utilizado para fazer referência à área de prostituição.

se referenciar àquelas que fazem programa. Dentre outros motivos⁶ esse termo indica que são mulheres novas que trabalham nessas casas. E isso fica evidente quando pegamos a faixa etária delas: a idade delas varia de 18 a mais ou menos 30 anos. Ter dezoito anos completos é importante para que a atividade não seja classificada como exploração sexual infantil, por isso, muitas mulheres falam que a única coisa que precisam mostrar é o documento de identidade para provar ao dono da casa que é maior. E a idade máxima foi apontada várias vezes sendo trinta anos. O que acontece é que algumas mulheres além de trocarem seus nomes⁷, mentem sobre suas idades para os clientes. Isso significa que tem mulheres com mais de trinta anos na casa, mas para o cliente, elas afirmam que tem menos, por exemplo, Denise que tem 31, mas diz aos clientes que tem 25 anos. A questão da idade acaba sendo tensionada com as performances dos sujeitos.

Depois dessa idade as mulheres acabam indo para outros espaços de prostituição - ruas, praças - sobretudo, espaços públicos. Em Girassol, por exemplo, tem muitas mulheres com mais de trinta anos em praças, em especial uma do mercado central. Sendo que as lógicas são bem distintas. O fator geracional acaba sendo importante na diferenciação das práticas de prostituição: os espaços e horários são diferentes, o preço, os dias do mês que tem maior movimento, os clientes, dentre outros fatores compõem um quadro de grande distinção entre a faixa etária dessas mulheres.

A relação entre o tempo e o corpo aparece bastante na fala das mulheres que se prostituem em Girassol, não só relacionado à produção para a noite, mas com a preocupação da mudança dos corpos no decorrer dos anos nessa atividade. Para Geisa (24 anos, branca, um pouco gorda, cabelo liso e loiro), “cada ano que passa, o corpo tem uma mudança” e isso inviabiliza, na sua visão, trabalhar sempre como prostituta. Juliana (de aproximadamente 20 anos, morena, cabelos negros e traços indígenas), assim como Geisa, acredita que ninguém vai querer quando elas estiverem velhas e “com pelancas” e por isso acham que é importante juntar dinheiro por conta enquanto estão novas.

Helena [28 anos, branca, loira de cabelos longos, sempre sorrindo e com os dois dentes da frente um pouco separados] contou que fica mais ou menos 5 meses e some durante uns 3 anos e volta novamente. Quando some é porque encontrou algum cliente para namorar que mantém ela por esse tempo, são homens com mais de 40 anos. Ela disse que é bom sumir porque ajuda no trabalho, pois a noite cansa e deixa a pessoa acabada, “fica de mau-humor e o cliente não gosta” (Diário de campo - maio de 2012) (PAZZINI,2016).

Quando Helena fala que encontrou algum cliente para ter um relacionamento ela se afasta das casas e de qualquer prática relacionada à prostituição. Esse ato de “sumir”, ou afastamento da prostituição pelo relacionamento é bastante relatado nas conversas. E quando rompem, voltam para a “noite”. Essa saída serve também como técnica/ estratégia para dar um tempo da atividade prostituição. Isso porque, segundo Helena “a noite cansa e deixa a pessoa

⁶ Este termo também vai de acordo com a forma que a lei trata essas mulheres, tornando vítimas e sem capacidade de escolha e discernimento do que é bom ou ruim para elas. (PAZZINI,2016)

acabada”, então sair um pouco acaba equilibrando um pouco fazendo com que ela tenha um melhor desempenho no trabalho como prostituta.

PROSTITUIÇÃO DE TRAVESTIS

A etnografia com travestis que se prostituem ocorreu na cidade de Califórnia, e os dados apresentados nesta pesquisa foram colhidos em uma casa de prostituição onde viviam 14 travestis entre 18 e 29 anos.

Os longos e lisos cabelos de Natasha eram motivo de orgulho para ela. Com 29 anos, sendo considerada pelas outras travestis da casa como mais velha, Natasha apresentava uma postura quase maternal com as travestis mais novas, indicando e aconselhando as que chegavam na casa a pouco tempo.

No que tange à prostituição, as travestis mais velhas, como Natasha, utilizam categorias como experiência para relatar e diferenciar suas condutas com a das mais novas. Durante nossas conversas na casa, percebi que a experiência na noite é agenciada de forma a diferenciá-las de quem está iniciando a carreira nesse meio. Ter experiência é saber interagir e diferenciar clientes que desejam fazer programa daqueles que estão lá para fazer a travesti “perder tempo”. Natasha, em suas falas críticas a outras travestis deixa claro essa diferença, mostrando que entende como a “noite funciona e o que os homens querem”. Fazendo um paralelo com as travestis mais novas, mostrando como a maioria não tem este entendimento.

Esta experiência também é associada a uma “falta de paciência para joguinhos”, segundo nossas interlocutoras de Califórnia. Estes “joguinhos” devem ser entendidos como jogos de sedução, onde alguns clientes tentam utilizar da lábia, charme e beleza para conseguirem descontos ou programas gratuitos com as travestis. Este tipo de tática utilizada pelos clientes em potencial acaba surtindo mais efeito, pelo o que foi relatado, nas travestis menos experientes e mais novas. Ao questionar Natasha sobre os programas sem custos e vícios ela foi categórica, afirmando que só fazia isso no começo, que agora “sabe como as coisas funcionam e não é besta”. Este relato mostra a proximidade entre o tempo de prostituição, sua experiência e alguns comportamentos específicos.

Estes relatos evidenciam um posicionamento específico das travestis mais velhas em relação à prostituição, utilizando a experiência como forma de distinção entre a relação delas e das travestis mais novas com este meio. Além de saber identificar e se portar na noite, as travestis mais velhas também alegam saber se portar com um cliente durante o programa, não correndo muitos riscos ou se colocando em situações perigosas. Outro ponto de destaque no que tange às travestis mais velhas e suas interações é a construção das chamadas “famílias”. Estas famílias foram identificadas por Pelúcio (2009, p.98), podendo ser caracterizadas como um grupo de travestis que partilha um mesmo sobrenome, geralmente o de uma travesti mais velha e experiente, que estabelece uma forte relação de tutoria, sendo considerada como uma mãe pelas outras travestis. Esta travesti mais velha indica, orienta e aconselha as travestis que estão

⁷ A troca dos nomes é muito recorrente em vários contextos de prostituição.

iniciando tanto o processo de travestilidade quanto a prostituição. Não necessariamente vivem sob o mesmo teto, muitas vezes espalhando-se em várias cidades, mas mantendo, com orgulho, o sobrenome carregado. Este processo de construção de famílias pode ser identificado na cidade de Califórnia. Pelo menos duas famílias diferentes, identificada pelos sobrenomes em comum entre as travestis e seus laços de amizade e tutoria. Natasha é uma das travestis que conseguiu constituir uma família na cidade. Seu sobrenome foi encontrado em outras 5 travestis que tive contato. Destas, apenas duas moravam na mesma casa que Natasha, as outras estavam em outros bairros e cidades, mostrando a capilaridade que estas famílias podem conseguir.

PROSTITUIÇÃO

Nesta pesquisa, partimos do pressuposto que a prostituição é uma "prestação voluntária de serviços sexuais por pessoa adulta, isto é, maior de 18 anos, e com negociação prévia dos tipos de serviços que serão realizados, sexuais ou não" (PAZZINI, 2016, p.31), da mesma forma como alguns movimentos de prostitutas empregam este termo. Logo, a criança e/ou adolescente não se insere nessa lógica porque a prática é considerada exploração sexual, e não a prostituição voluntária.

A frase "a prostituição é a 'profissão' mais antiga do mundo" é pronunciada constantemente no senso comum. No entanto, a prostituição é uma atividade desvalorizada moralmente pelos valores cristãos disseminados na sociedade brasileira, e condenada por alguns grupos de feministas que acreditam que as mulheres prostitutas estão sendo vítimas do patriarcado. Considerando essas duas posições como forças políticas, em muitas legislações ainda é negada a condição profissional à atividade da prostituta.

Em relação a isso, Margareth Rago (1996) – em uma retomada histórica da prostituição no Brasil e, mais especificamente, em São Paulo – argumenta que a mulher faz sim uma escolha em ser prostituta evidentemente condicionada pelo repertório de alternativas que lhe são oferecidas em dado contexto. Frente às interpretações que se deram no período, e que permanecem até nos dias de hoje, a autora critica o olhar sobre a prostituição pela "lógica do negativo" que vê essa mulher como vítima e/ou psicologicamente doente.

A despeito da produção bibliográfica mais recente reivindicar em seus discursos a prostituição como uma atividade legítima, no Brasil esse ofício não encontra aceitabilidade moral para ser aceito como forma de *trabalho*; por outro lado, também não é considerado *crime* pelo Código Penal. Ainda assim, diversas práticas em torno da prostituição seguem sendo consideradas ilegais. O turismo sexual, por exemplo, é muitas vezes visto como tráfico de pessoas, ainda que a bibliografia recente questione esses termos. Autoras como Adriana Piscitelli (2011), fazem essa discussão, especificamente, ao tratar de mulheres que saem do seu país de origem para exercer prostituição em outros; Flávia Teixeira (2008), por sua vez, faz esse mesmo trabalho tendo agora as travestis como foco. Os trabalhos acadêmicos caracterizam essa mobilidade, centrada na mudança de território, sobretudo como forma de sociabilidade própria daqueles contextos que, no entanto, tende a ser criminalizada quando enquadrada na categoria jurídica de tráfico de pessoas.

A revisão bibliográfica demonstra como as questões levantadas pelo debate proposto extrapolam, e muito, a esfera acadêmica. Gabriela Leite, autora e representante da Rede Brasileira de Prostitutas⁸, e José Miguel Olivar (2007) defendem a prostituição como um trabalho que deve, por direito, ser respeitado e não criminalizado em seus desdobramentos. José M. Olivar (2007) e Gabriela Leite⁹ afirmam que a legitimidade da prostituição será possível, (em seus termos, o “direito humano de ser puta”), quando os direitos sexuais dessas mulheres forem respeitados. Trata-se, portanto, de uma questão acima de tudo moral. Além desses autores, Soraya Simões (2011) tem escrito muito sobre os movimentos de prostitutas, principalmente no contexto do Rio de Janeiro, defendendo também a profissionalização.

No entanto, os termos utilizados para se tratar da prostituição em todo o texto serão, na maioria das vezes, relacionados a uma forma de trabalho. Primeiramente, isso se deve à forma pela qual as próprias prostitutas com as quais conversei durante todo o trabalho de campo se veem. Segundo, porque ser prostituta é uma ocupação legal e se enquadra na categoria “profissional do sexo”, da Classificação Brasileira das Ocupações (CBO). Terceiro, a bibliografia (SIMÕES, 2011; OLIVAR, 2007) também vem tratando a prostituição como um trabalho. E, por último, a profissionalização é uma reivindicação de vários movimentos de prostitutas.

ENVELHECIMENTO

Em contraposição aos estudos e falas que entendem o envelhecimento como um conjunto de perdas (de movimento, de ânimo, de cognição, etc.), no texto de Ferreira, et. al. (2010), os autores nos apresentam o envelhecimento como algo marcado pelas distintas experiências “norteadas por valores, metas, crenças e formas próprias que o idoso utiliza para interpretar o mundo” (p.358). Esses autores se colocam contra a interpretação ocidental de que o envelhecimento é um processo de perdas, pois acaba não proporcionando outras leituras mais valorativas sobre o tema:

Logo, o processo de envelhecimento precisa deixar de ser visto como uma decorrência de fenômenos puramente naturais e biológicos. Ele deve ser visualizado, também, como um fenômeno profundamente influenciado pela cultura, onde os indivíduos reagem a partir de suas referências pessoais e culturais (FERREIRA, et.al., 2010, p.362).

Refletindo ainda sobre a noção de perda, é evidente que essa concepção se dá comparativamente ao corpo jovem. É exatamente a relação com o jovem que faz com que o envelhecimento se torne sinônimo de perdas/ incompetências. Rohden, por exemplo, fala dessa valorização do corpo jovem:

⁸ A Rede Brasileira de Prostitutas é uma organização resultante do I Encontro Nacional de Prostitutas. Existem outras organizações de prostitutas no país, inclusive que não tem intenção de reconhecer a prostituição como profissão.

⁹ Esta é uma referência à mesa redonda “Prostituição: de ocupação à profissão”, realizada no Rio de Janeiro dia 16/12/2011, na qual Gabriela Leite (que na época era representante da ONG Davida) foi convidada para falar sobre o tema.

No caso específico da conjunção entre envelhecimento e sexualidade, há que se notar que a promoção das novas drogas e recursos caminha lado a lado com a promoção de modelos de comportamento centrados na valorização do corpo jovem, saudável e sexualmente ativo. E no que se refere ao caso masculino, é necessário observar a criação de novas narrativas que aproximariam os homens de mais idade de um modelo mais feminino, no sentido de mais vulneráveis e mais sujeitos às intervenções médicas, em um processo constante de “vigilância da virilidade” (ROHDEN, 2012, p. 197-198).

Essa forma de ver o envelhecimento, sobretudo nas áreas da saúde, não é a única forma de pensar esse processo. Isso ficou explícito no texto de Ferreira, et.al., quando fala para pensar numa perspectiva cultural. Além de pensar como uma perspectiva cultural, o envelhecimento é colocado também como uma construção social:

(...) é uma categoria que foi culturalmente produzida e tem como referências supostos processos biológicos e universais; é uma questão que na sociedade ocidental contemporânea se constitui como problema social; e é um tempo em torno do qual um discurso científico é institucionalizado (FELIPE e SOUSA, 2014, p. 21).

Nesse texto, as autoras pensam a velhice como uma construção social. A começar com a idade, que não é considerada por elas um dado natural, mas como "práticas sociais e necessidades organizacionais". Retomando Guita Debert, a autora aponta três características que a temática da velhice esbarra:

Geralmente, características físicas ou especificidades biológicas, como a idade, são utilizadas como critérios de classificação do sujeito na sociedade, mas deve-se atentar que os princípios de classificação que são utilizados em nossa sociedade, até mesmo os que nos parecem ser “naturais”, são na verdade construídos socialmente e o surgimento desses critérios está relacionado com o surgimento de certas instituições e agentes especializados, que fazem uso dessa definição para suas atividades (FELIPE e SOUSA, 2014, p. 21).

Com a supervalorização da juventude, esse ideal não se constitui apenas numa faixa etária, mas num estilo de vida. E o resultado acaba sendo uma tentativa de normalização do envelhecimento a partir dos discursos médicos e midiáticos de como deve ser a velhice, como as pessoas devem viver, etc.

Primeiramente ressalta-se que a noção de geração e envelhecimento utilizada neste trabalho tem um sentido amplo. Representa a posição e atuação do indivíduo em seu grupo de idade e/ou de socialização *no tempo*. “Daí o sentido dinâmico ou instável e plural que essa condição, de saída, representa.” (MOTTA, 2010, s/p). Assim, não definiremos as gerações de travestis e mulheres que se constituem de forma rígida, pensaremos isto como um processo orgânico e em movimento.

O processo de envelhecimento, tanto de mulheres quanto de travestis, apresenta variações construídas socialmente nos diferentes grupos sociais, de acordo com a visão de mundo compartilhada em práticas, crenças e valores (HECK e LANGDON, 2002). Assim,

Deve-se levar em consideração que as representações existentes em uma determinada sociedade sobre a velhice, o momento específico a partir do qual o indivíduo é considerado velho, a posição social desse velho e o tratamento direcionado para essa fração da população ganham diferentes significados que dependem dos variados contextos sociais, culturais e históricos (FELIPE e SOUSA, 2014).

Por isso, o processo de envelhecimento toma conotações completamente diferentes de acordo com as relações de poder e expectativas estabelecidas dentro do grupo em questão, criando valores e noções muito particulares sobre o envelhecer. Podemos perceber isso nas falas de algumas de nossas interlocutoras travestis, que apontam o envelhecimento em suas companheiras como algo negativo, associado a perda de beleza, de tónus da pele, etc. O tratamento e as relações que estas travestis mais velhas estabelecem ficam marcadas por este corpo considerado, pelas outras travestis, ultrapassado para o mercado da prostituição, mostrando como a relação entre beleza, prostituição e as relações sociais estão intimamente ligadas.

Desta forma, devemos pensar o envelhecimento do mesmo modo que pensamos o gênero: como performatividade. Não existe um padrão rígido de envelhecimento, existem sim múltiplas experiências, em múltiplos corpos e que resultam em múltiplas valorizações pela sociedade. Assim, pensamos o envelhecimento através de uma chave relacional. A “velhice”, assim como a “juventude”, não é característica substancial que acontecem com a idade, mas uma categoria cuja delimitação resulta do estado (variável) das relações de força entre as classes e, em cada classe, das relações entre as gerações, isto é, da distribuição do poder e dos privilégios entre as classes e entre as gerações (LENOIR, 1998, p.71-72).

Delimita-se assim a noção performática de envelhecer, os indivíduos constroem e reconstroem de forma consciente e não consciente o que é entendido como o envelhecer, apresentando diferenças no processo de acordo com a localidade e temporalidade. Para as pessoas que se prostituem, o envelhecer nas cidades do interior se configura de forma diferente da capital, devido às diferentes experiências, oportunidades e vivências em que estes sujeitos estão inseridos.

Devido a este caráter performático do envelhecer, acreditamos que, por mais que as experiências de vida aqui apresentadas possam ser analisadas e, até mesmo, separadas em grupos específicos, estes grupos não são de todo coesos, visto a grande variabilidade de formas de se viver e pensar este envelhecer, seguindo padrões e valores que podem não ser representativos de uma coletividade. Busca-se, desta forma, miríades que possam dar tónus à discussão, mas tomando todo o cuidado para não engessar ou classificar de forma rígida as características aqui pensadas. Assim, apresentaremos os desdobramentos da noção de envelhecimento entre mulheres e travestis que se prostituem em espaços específicos, discorrendo sobre as implicações do envelhecer para a vida e sociabilidade destas pessoas.

RESULTADO E DISCUSSÕES

Com os dados etnográficos levantados, e levando em consideração pesquisas anteriores sobre a temática, concluímos que o envelhecimento de travestis e mulheres que se prostituem

encontram semelhanças e distinções em pontos específicos. Primeiramente devemos levar em conta que o processo de envelhecimento, por mais que seja experienciado de forma semelhante, apresenta particularidades ligadas à localidade, corporalidade, gênero, tempo e relações sociais.

Mais do que uma clara diferenciação ligada à idade, a delimitação das categorias “mais velhas” e “mais novas” mostrou-se de forma plural, agenciando principalmente categorias como experiência, tempo na prostituição, corpo, paciência, relacionamentos. Assim, a geracionalidade foi mobilizada pensando os sujeitos que, não necessariamente viveram em uma mesma época, mas sim que partilham experiências, vivências e potencialidades (MOTTA, 2010). Os sujeitos que partilhavam comportamentos, experiências e corporalidades em comum, foram organicamente sendo identificados como mais velhas, sem perder de vista o caráter relacional da questão da velhice.

Entre nossas interlocutoras, a idade mostrou-se uma característica muito forte para a delimitação do que é considerado “ser velha”, apesar disto, ela não era articulada de forma solitária. A idade cronológica de uma travesti ou de uma mulher na prostituição poderia (e era) ser escondida por meio de corpos que não apresentassem as marcas do tempo com tanta intensidade. Assim, algumas de nossas interlocutoras conseguiam mentir a idade por conta de seus atributos físicos específicos. Entretanto, este fato não era possível para todas elas, algumas tinham em seus corpos a marca da idade e dos anos de prostituição, sendo classificadas como velhas pelas outras colegas. Estas, por sua vez, sofriam diversos prejuízos, o mais visível e que era encontrado tanto nas travestis quando nas mulheres é a questão do custo do programa e a territorialidade em que aconteciam.

As mulheres e travestis com sinais visíveis e fortes do envelhecimento em seus corpos, acabavam por fazer programas por um menor custo. Como seus corpos perdem alguns atributos que são valorizados na prostituição (vigor, curvas, firmeza, juventude), o valor cobrado pelo programa acabava caindo de forma considerável. Além de cobrarem valores menores para o programa, os locais de prostituição acabam se modificando. Estes espaços são segmentados por casas, onde mulheres e travestis de uma determinada casa tem o direito de se prostituírem em espaços específicos e, além disto, estes espaços são classificados por uma questão estética, onde as mais bonitas e mais novas ficam com os melhores locais de prostituição.

Desta forma, podemos perceber como a questão estética é fundamental para entender o processo de envelhecimento das pessoas que se prostituem. Este processo pode ser omitido quando a aparência estética está em conformidade com os padrões sociais impostos por determinado grupo. Assim, encontramos travestis e mulheres que são consideradas “mais velhas” com 30 anos e, diferentemente, encontramos mulheres e travestis que se prostituem com idade próximas aos 29 anos que não são entendidas da mesma forma. O que diferencia estes dois grupos é a estética de seus corpos em conformidade com o mercado de prostituição daquele local.

Outro ponto que pudemos identificar é a questão do envelhecimento como fato e como processo. Nossas interlocutoras identificam o envelhecimento como fato ao indicar ou determinar que outra pessoa é velha. Este tipo de apontamento é utilizado para ressaltar, normalmente, as travestis e mulheres que não possuem mais a beleza que possuíam na juventude ou que não conseguem tirar seu sustento da prostituição. Desta forma, a velhice,

atribui um valor negativo ao indivíduo a que é associada. Por sua vez, o envelhecimento como processo volta-se para a própria mulher ou travesti, onde as características ressaltadas do processo de se envelhecer são positivas. A aquisição de experiência e o saber lidar com a noite e os clientes são pontos fundamentais levantados por nossas interlocutoras ao se referirem a elas mesmas e o processo de envelhecer.

Assim, o envelhecimento como fato é sempre ligado a uma outra pessoa, nela a velhice já chegou, suas marcas estéticas são visíveis e provocam prejuízos para a pessoa. O envelhecimento como processo é sempre direcionado para a própria pessoa, onde é ressaltado os pontos positivos de estar envelhecendo, nesta visão, a pessoa entende que está envelhecendo, percebe as modificações que este processo implica, mas não se considera velha.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Profissionais do sexo: Documento referencial para ações de prevenção das DST e da AIDS. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.
- FELIPE, Thayza Wanessa S. Souza; SOUSA, Sandra Maria N. “A construção da categoria velhice e seus significados”. PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da Unifap, vol.7, n. 2, 2014, pp. 19-33.
- FERREIRA, Olívia G. Lucena; MACIEL, Silvana Carneiro; SILVA, Antonia Oliveira; NOVA SÁ, Roseane Christina da [e] MOREIRA, Maria Adelaide Silva P. “Significados atribuídos ao envelhecimento: Idoso, velho e idoso ativo”. Psico-USF, vol. 15, n. 3, 2010, pp. 357-364.
- HECK, Rita Maria [e] LANGDON, Esther J. Matteson. “Envelhecimento, relações de gênero e o papel das mulheres na organização da vida em uma comunidade rural”. Em: MINAYO, Maria Cecília de Souza [e] COIMBRA JR, Carlos E. A. (orgs.). Antropologia, saúde e envelhecimento. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.
- LENOIR, Remi. Objeto sociológico e problema social. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MAGNO, Ana Beatriz [e] José VARELLA. “A prostituição no Brasil”. Correio Baziliense, 31/08/2005.
- MARTINEZ, Mariana M.; OLIVEIRA, Luciano Márcio Freitas de.; PEREIRA, Luiz Fernando de Paula; PAZZINI, Domila do Prado [e] BARBOSA, Aline Ramos. “A produção e a gestão da população de rua: A trajetória de Luciene”. Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, vol. 7, n. 4, 2014, pp. 741-767.
- MIGUEL, Luiz Henrique. Gerações travestis: Corpo, subjetividade e geracionalidade entre travestis do interior de São Paulo. Dissertação (mestrado), UFSCar, 2016.
- MOTTA, Alda Britto da. “A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento”. Revista Sociedade e Estado. Brasília, vol. 25, n. 2, 2010, p.225-250.
- OLIVAR, José Miguel. “O direito humano de ser puta: Uma reflexão sobre direitos sexuais no universo da prostituição feminina em Porto Alegre”. Teoria e Sociedade, n. 15.2, 2007, pp. 108-137.
- PAZZINI, Domila do Prado. Mercado dos prazeres: Notas de uma etnografia multi-situada em espaços de prostituição no interior de São Paulo. Dissertação (mestrado), UFSCar, 2016.
- _____. “Prostituição e ilegalismos: Um estudo de códigos e condutas em casas noturnas de São Carlos-SP”. Em: Anais da 29ª Reunião Brasileira de Antropologia. Brasília: Kiron, 2014.
- _____. “A prostituição de mulheres em casas noturnas do interior de São Paulo”. Em: Anais eletrônico do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, 2013.
- PELÚCIO, Larissa. Abjeção e desejo: Uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de Aids. São Paulo: Annablume, 2009.
- PISCITELLI, Adriana. “Amor, apego e interesse: Trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais”. Em: PISCITELLI, Adriana; OLIVAR, José Miguel N.; ASSIS, Gláucia de Oliveira (orgs.). Gênero, sexo, amor e dinheiro: Mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu, Unicamp, 2011, pp.537-582.
- RAGO, Margareth. “Prostituição e o mundo boêmio em São Paulo (1890-1940)”. Em: PARKER, Richard Guy [e] BARBOSA, Regina Maria. Sexualidades Brasileiras. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- ROHDEN, F. “A ‘criação’ da andropausa no Brasil: Articulações entre ciência, mídia e mercado e redefinições de sexualidade e envelhecimento”. Psicología, Conocimiento y Sociedad, vol. 2, n. 2, 2012, pp. 196-219.
- SCOTT, Joan W. “A invisibilidade da experiência”. Projeto História, n. 16, 1998, pp.297-325.
- SIMÕES, Soraya S. “‘Sem vergonha, garota’: Notas sobre a profissionalização de um métier no Brasil”. Em: CEFAÍ, Daniel; VEIGA, Felipe Berocan [e] MOTA, Fábio Reis (orgs.). Arenas públicas: Por uma etnografia da vida associativa. Niterói: UFF, 2011, pp.447- 475.